

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA: PERIODIZAÇÃO E ESCOLAS NA FILOSOFIA EM PORTUGAL

Manuel Gama

UMinho-IE/CIEd – Braga/Portugal
Campus de Gualtar – 4710-057 - Braga
964820491 | ccultural@reitoria.uminho.pt

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre a periodização e escolas na filosofia em Portugal na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento português, periodização e escolas, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the periodization and schools in the Portuguese philosophy in the work of António Braz Teixeira.

Keywords: Portuguese thought, periodization and schools, António Braz Teixeira

O conhecimento dos rumos da filosofia luso-brasileira pela geração atual tem muito do seu [de António Braz Teixeira] esforço e dedicação.¹

Preâmbulo

Homenagem a António Braz Teixeira. É longo o seu percurso de professor universitário, pensador, ensaísta, administrador. Dentre todas as suas atividades e funções, em que tem estado envolvido, destaco primeiramente uma, talvez por, entre várias outras, ser das que mais indelevelmente deixará marca visível na Cultura Portuguesa: a de presidente e, sobretudo, de responsável das edições da Imprensa Nacional-Casa da Moeda durante cerca de dezena e meia de anos². Explico. Não sabemos a marca que deixamos nos nossos alunos enquanto professores, embora seja incalculável; tão pouco sabemos o efeito daquilo que deixamos escrito, que tanto pode ser muito lido como ficar esquecido nas bibliotecas ou nas redes virtuais. No entanto, entre tantas obras que fez editar, enquanto responsável das edições da Imprensa Nacional Casa da Moeda³, certamente que contribuiu para que muitos leitores tivessem acesso a publicações, quer da autoria de estudiosos atuais - alguns participantes neste Congresso -, quer de obras do passado, mas esgotadas e, portanto, de difícil acesso, em tudo dando mostras de grande estima pelos autores portugueses ou de língua portuguesa.

Uma palavra pessoal de grande reconhecimento por tudo o que tem dado às Culturas portuguesa e de língua portuguesa. Diria, um agradecimento pelo seu contributo para que a vida dos portugueses seja melhor, pois a Cultura deve contribuir para construir uma vida boa.

Introdução

Pensamos ter toda a pertinência, no sentido de maior inteligibilidade, fazer periodizações no âmbito de determinados assuntos estudados e, como tal, no percurso

¹ José Maurício de Carvalho, «Braz Teixeira e o esforço de caracterização de uma filosofia luso-brasileira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, p. 121.

² Vejam-se, a propósito da atividade desenvolvida nesta instituição, as atinentes palavras de Carlos Leone, em «Saudades do futuro, ou o significado de “nacional” na imprensa em Portugal, para António Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, *Ob. Cit.*, pp. 70-76.

³ Enfatize-se, em posição elevada, o facto de não ter aproveitado a sua posição na INCM, para promover publicações suas. Um seu livro aí publicado, tivera a sua primeira edição antes da sua entrada na INCM.

da reflexão filosófica, neste caso em Portugal, como António Braz Teixeira propõe, não sem uma pertinente advertência:

«Não ignoramos nem menosprezamos o que há de necessariamente artificial em qualquer periodificação, que apenas como instrumento analítico deve ser usada, visando uma melhor ou mais adequada compreensão de qualquer fenómeno ou manifestação espiritual [...]»⁴

Também é frutuosa a via de procurar e caracterizar as Escolas, como forma de pensamento, se as houver. O conceito de Escola denota mais convergência de pensamento do que o conceito de Geração. Nesta, os seus elementos reúnem-se – e procuram unir-se – à volta de um ou vários problemas comuns. Por exemplo, a oitocentista Geração de 70 estava unida à volta do problema da decadência nacional. Na Escola, o cimento que une os vários membros está nos problemas e nas soluções, mas, sobretudo, nos valores subjacentes àquelas vertentes. É neste sentido, no âmbito do pensamento filosófico em Portugal, que António Braz Teixeira se ocupou do estudo dos princípios e perfis da “Escola Portuense” e da “Escola Bracarense”, a que poderia acrescentar-se também a sua recente obra sobre a “Escola de São Paulo”⁵, que seria também importante, se nos ocupássemos aqui do pensamento luso-brasileiro. Mas o assunto da periodização é mais vasto, como veremos.

1. Periodização

Incidindo sobre o tema da reflexão filosófica em Portugal, para o período da dupla centúria de Oitocentos e Novecentos, António Braz Teixeira estabelece cinco períodos⁶. Como ele próprio anota, não lhe parece «de todo ilegítimo ou arbitrário distinguir cinco períodos ou ciclos relativamente bem individualizados no percurso da especulação filosófica entre o início do século XIX e o final do século XX.» (*Idem, Ibidem*, p. 5). Este tema já o havia enunciado, em 1994, no seu ensaio, que faz parte do volume de homenagem a Lúcio Craveiro da Silva que, posteriormente, viria a integrar o seu livro *Ética, Filosofia e Religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, dado à estampa em 1997, com pequenas modificações⁷.

⁴ António Braz Teixeira, *O essencial sobre A Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX E XX)*, INCM, Lisboa, 2008, p. 5.

⁵ *Idem*, *A “Escola de São Paulo”*, MIL/DG Edições, Lisboa, 2016.

⁶ Cf. *Idem*, *O essencial sobre A Filosofia Portuguesa, Op. Cit.*, pp. 5-8.

⁷ Essas pequenas modificações têm a ver com a alteração do título de “A Filosofia Portuguesa contemporânea” para “A Filosofia Portuguesa do Século XX”, e, nesta segunda publicação, não foi inserida uma criteriosa e didática lista bibliográfica de várias páginas. No entanto, no primeiro ensaio de periodização foram estabelecidas quatro circunscrições assim enunciadas: A geração da

Pode parecer de somenos importância a fixação de marcos históricos no percurso do pensamento filosófico de uma cultura, concretamente na nossa. Pelo contrário, pensamos nós, pois para quem se vai iniciar nestes estudos ou quer organizar os conhecimentos já adquiridos, a utilidade é enormíssima para uma compreensão global. Depois, na elaboração de uma periodização, só é possível atingir-se um elevado grau de qualidade quando o seu autor possui um domínio aprofundado das matérias em causa, como é o caso presente de António Braz Teixeira.

Conforme o nosso ensaísta, para o período em apreço, o primeiro ciclo inicia-se em 1803, com a publicação de José Rodrigues de Brito (lente em Direito Pátrio na Universidade de Coimbra), do primeiro tomo das suas Memórias Políticas, e conclui-se em meados de Oitocentos, com o momento da morte de Silvestre Pinheiro Ferreira e ainda a adesão de Vicente Ferrer Neto Paiva (lente de Direito Natural na Universidade de Coimbra) ao racionalismo espiritualista de livre inspiração krausista.

O segundo ciclo tem como momento inicial o lançamento da revista portuense *A Península*, por iniciativa do jovem Pedro Amorim Viana, lente de Matemática da Academia Politécnica do Porto. Nessa revista, este pensador fez publicar uma série de artigos cujos temas serão seminais na génese da chamada “Escola Portuense” e da posterior filosofia portuguesa. Dentre esses temas e problematizações estão a ideia de Deus, o problema do mal, o conceito de razão, as relações entre razão e fé, etc.

O período seguinte tem a sua génese em 1912, ano da criação do movimento portuense “Renascença Portuguesa”, assim como da publicação de duas obras fulcrais da filosofia portuguesa: *O Criacionismo*, de Leonardo Coimbra, e *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, de Teixeira de Pascoaes. Neste ciclo há um aprimoramento reflexivo à volta de temas do período anterior e os problemas antropológicos assumem progressivamente lugar de protagonismo. Ou, como é referido pelo próprio autor, «no pensamento português do século XX, a problemática antropológica assumiu um relevo e uma centralidade mais acentuados do que no período antecedente.» (*Idem, Ibidem*, p. 9). E se, de uma forma geral, na Europa se circunscreve a Antropologia Filosófica a uma dimensão humanista limitada na finitude temporal e mundana, em Portugal tal

«Renascença Portuguesa», A «Escola Portuense», A filosofia da saudade e Outras correntes filosóficas. «Outras correntes filosóficas» têm subjacente um denominador comum o de serem «outras vias especulativas, oriundas do estrangeiro» - António Braz Teixeira, *Ética, Filosofia e Religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Pendor, Évora, 1997, p. 24.

domínio da reflexão filosófica tem um alcance mais largo, assumindo um duplo horizonte: simultaneamente cósmico e escatológico (Cf. *Idem, Ibidem*, p. 10).

O quarto período inicia-se numa data que é um marco na filosofia portuguesa: o ano de 1943, com a publicação da obra de Álvaro Ribeiro, *O Problema da Filosofia Portuguesa*, onde se formulam as bases que irão estar presentes em boa parte do debate filosófico posterior, nomeadamente sobre esta questão. Será igualmente neste ciclo que os discípulos de Leonardo Coimbra irão expor as suas reflexões filosóficas, clarificando os contornos da tradição filosófica portuense.

Por último, o quinto ciclo tem o seu arranque inicial em 1981, com dois momentos marcantes: por um lado, a morte de Álvaro Ribeiro e, por outro, a realização do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, em Braga, a partir do qual o problema da filosofia portuguesa se amplia e se converte no da filosofia luso-brasileira, dando acolhimento à relação entre pensamento e palavra, entre filosofia e filologia.

2. Escolas na Filosofia em Portugal

Sem desmerecer a sua elevada utilidade – como referimos acima -, em toda e qualquer periodização está associada uma ideia de “separação”. Por sua vez, a visão do pensamento por Escolas ou gerações visa realçar mais a “unidade”. É nesse sentido que aponta a profundidade deste pequeno trecho de António Braz Teixeira, que ele apresenta para enquadrar uma sua obra sobre o pensamento português e luso-brasileiro:

«A todos eles [os vários estudos] se encontra subjacente uma atitude hermenêutica que procura compreender, na sua substantiva unidade, o que os diversos filósofos efetivamente pensaram, independentemente do carácter mais ou menos disperso que possa haver assumido a expressão do seu pensamento, bem como a ideia de que, de sua natureza, toda a reflexão filosófica, enquanto tentativa de apreensão e compreensão da essência da realidade e da íntima **unidade** que se oculta ou manifesta na pluralidade e diversidade dos entes ou das suas formas, não pode deixar de ser intrinsecamente coerente e sistemática, cabendo ao intérprete tornar patente essa mesma **unidade** e sistematismo, não ocultando as dificuldades ou aporias que porventura envolva ou com que se defronta o pensamento objeto de interpretação.»⁸

E, tal como também adverte – ao estudar autores portugueses e brasileiros e também as linhas de aproximação entre ambos -, o que procura nesse “encontro” de

⁸ *Idem, Diálogos e Perfis. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro*, Europress, Lisboa, 2006, p. 11. O negrito é nosso.

pensamentos não é tanto a influência – que refere ser próprio do reino da natureza -, mas, fundamentalmente, a afinidade, a convergência ou a confluência, que, anota, são «termos que exprimem melhor e com mais rigor a realidade e o movimento espiritual em que radica todo o autêntico diálogo filosófico, aquele que [...] busca a **unidade** na verdade.» (*Idem, Ibidem*, p. 12. O negrito é nosso). Embora a intencionalidade do autor tenha um alcance mais lato, o mesmo se pode aplicar, em sentido mais estrito, sobre a unidade de uma Escola, aqui filosófica.

2.1. Escolas “formais”

2.1.1. A Escola Portuense

De vida efémera, do ponto de vista institucional, a Faculdade de Letras do Porto (1919-1931), teve em Leonardo Coimbra, seu criador e diretor, a figura e o exemplo de mestre para um grupo apreciável de discípulos. O seu magistério filosófico e espiritual criou uma auréola consistente, que alimentou o espírito de vários jovens, que souberam prolongar no tempo os ensinamentos colhidos. Mesmo que cada um tenha trilhado linhas especulativas diversas – um escolar não tem de ser, nem deve ser, um amouco -, houve denominadores comuns de pensamento filosófico que passaram para gerações posteriores. Vincando a filiação no mestre Leonardo, assumida por cada um deles, António Braz Teixeira indica os principais discípulos e as suas linhas de orientação especulativa: “O ceticismo trágico de Sant’Ana Dionísio” (1902-1991), “O pensamento existencial de Delfim Santos” (1907-1966), “A dialética ideo-realista de Augusto Saraiva” (1900-1975), “A filosofia criacionista de Álvaro Ribeiro” (1905-1981), “A Teoria do Ser e da Verdade de José Marinho” (1904-1975), “O paracletismo franciscano de Agostinho da Silva” (1906-1994). Os pensadores desta geração – os elementos da denominada “Escola Portuense” -, em continuidade com o superior magistério herdado, geraram afinidades em vários outros da geração seguinte, que são assinalados pelo nosso autor como «continuadores e renovadores nas gerações seguintes, sendo, ainda hoje, a mais viva, dinâmica e original via do pensamento português.»⁹.

2.1.2. A Escola Bracarense

⁹ *Idem, Ética, Filosofia e Religião, Op. Cit.*, p. 21.

Na Faculdade de Filosofia de Braga, posteriormente da Universidade Católica Portuguesa, mas dirigida por padres da Companhia de Jesus, vários professores jesuítas desenvolveram com eminência o seu magistério na segunda metade do século XX. Neles se encontram linhas de pensamento comuns, que podem levar a perspetivá-los como um “grupo de pensadores”, tarefa empreendida por António Braz Teixeira, de que resultaria a sua obra *A Filosofia da Escola Bracarense*. Neste livro estuda-se o pensamento individual de cada um, desde Cassiano Abranches até Roque Cabral, passando por António Dias de Magalhães, Júlio Fragata e alguns outros, mas anotam-se linhas de afinidade no horizonte especulativo, que Braz Teixeira regista como “teses” da Escola Bracarense. Igualmente, como na Escola Portuense, também na Escola filosófica da cidade dos Arcebispos, apesar de cada um dos membros concorrer para uma diversidade de percursos reflexivos, torna-se «possível identificar e enumerar um significativo conjunto de questões em que as respetivas posições convergem ou coincidem, o que torna legítimo ver nessa convergência ou coincidência um elenco de teses que a definem e singularizam [...]»¹⁰ O nosso autor elaborou e enumerou um conjunto de 42 teses, a partir de linhas de pensamento - das quais comungavam os vários elementos -, ligadas a uma série de temas-problemas, tratados na Faculdade de Filosofia de Braga, como a superior perspetiva metafísica, o pluralismo ontológico, o espiritualismo criacionista, a refletida atenção à ciência, a meditação sobre a saudade.

Dentre as dezenas de teses enunciadas por António Braz Teixeira, selecionámos algumas (*Idem, Ibidem*, pp. 117-120), do magistério de alguns dos mestres jesuítas, de que, nós próprios, também beneficiámos, enquanto discípulo desta Escola, entre os anos setenta e os anos oitenta do século precedente:

3. A Filosofia, como sistema integral e unitário, funda a base axiológica das diversas ciências teóricas, a partir do juízo de relação que afirma o ser real ou ideal.
4. A Filosofia compreende a Metafísica, a Psicologia e a Cosmologia.
10. O ato de conhecimento consiste numa comunhão real do que conhece e do que é conhecido, na unidade do mesmo ato.
11. A verdade, em que o ser se revela à inteligência, é uma relação pura, atual e mútua entre o objeto conhecido e a faculdade cognitiva.

¹⁰ *Idem, A Filosofia da Escola Bracarense*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2010, p. 116.

20. Nenhum ser existe intensamente isolado, mas todos, unidos com o Ser infinito de que derivam, constituem uma comunidade ontológica, implicando, em si, cada um deles, todos os outros.

25. O homem, imagem analógica de Deus, tem origem divina, é o termo da criação evolutiva e o centro do Universo, ao qual dá sentido.

38. A norma da atividade humana deve ser a da realização do seu fim.

2.2. A “Escola” geracional da Renascença Portuguesa

Tratando-se, como António Braz Teixeira o denomina, mais de um “movimento cultural e filosófico”, nascido no Porto, em 1912, não deixa de ter conotação com o espírito de Escola. A esse movimento são associados, por um lado, os dois máximos representantes e animadores: o “poeta-filósofo” Teixeira de Pascoaes (1877-1952) e o “filósofo” Leonardo Coimbra (1883-1936); por outro, e cronologicamente de uma geração anterior, são apontadas outras tantas figuras tutelares: Guerra Junqueiro (1850-1923) e Sampaio Bruno (1857-1915). Refere o nosso homenageado que, à volta da inspiração nestes dois pares de figuras, se congregou um considerável conjunto de homens de alta linhagem intelectual, tanto do mundo do pensamento filosófico, como, igualmente, poetas, ficcionistas, dramaturgos, artistas. Diversidade esta que, criando uma certa dispersão, lhe tira o carácter explícito de Escola. A que acresce, para o horizonte divergente de Escola, uma certa multiplicidade nas linhas mais marcantes, como as ligadas ao espiritualismo, ao criacionismo, ao saudosismo, para já não registar uma outra orientação pelo racionalismo crítico (Raúl Proença e António Sérgio). De qualquer modo, havia um problema-alvo comum, o positivismo, na altura, resplandecente em Portugal, por estar associado à novel experiência republicana. O órgão do movimento renascente foi a revista *A Águia*.

2.3. A corrente da Filosofia da Saudade

Embora não se trate de uma Escola, nem formal, nem informalmente falando, no referido estudo, de 1994, o nosso autor apresenta os contornos de uma outra linha de pensamento, que denomina como “A filosofia da saudade”, caracterizando-a a dois níveis: pelos elementos da consciência saudosa e pela metafísica da saudade. Tendo a sua génese remota no rei D. Duarte (1391-1438), será no “poeta-filósofo” Teixeira de Pascoaes que o tema encontrará um desenvolvimento mais consistente, estendendo-se, desde meados do século passado, às considerações especulativas de alguns

pensadores da Galiza. Nos pensadores de ambos os territórios tem-se privilegiado «ora a análise da sua fenomenologia e dos seus elementos da consciência saudosa ou da saudade como sentimento, ora o seu sentido ontológico e metafísico.»¹¹

2.4. A “Escola” situada da Filosofia Portuguesa

Apesar de António Braz Teixeira ter escrito, em abundância qualitativa, na letra e no espírito, sobre a Filosofia Portuguesa, pensamos que seria importante ainda a publicação de uma obra de síntese especificamente sobre a “Escola” ou corrente da Filosofia Portuguesa nos últimos cento e cinquenta anos. Com o espírito autónomo que caracteriza o nosso autor, mas essa obra, eventualmente, poderia ser uma obra maneirista, escrita “à maneira de João Ferreira”.

Mesmo no pequeno livro acerca do essencial sobre a filosofia portuguesa nos últimos dois séculos, apesar de se vislumbrarem aí alguns fios condutores, ao fazer a periodização repartida por cinco fases, somos levados a ver mais cada uma dessas partes do que o todo.

Apesar do que acabámos de dizer, é possível deduzirem-se dos seus escritos alguns vetores caracterizadores do que denominamos “Escola” situada, embora, em rigor, tal como na linha da saudade, não se trate de uma Escola.

Além de outros estudiosos - como Afonso Rocha¹², António Paim¹³, José Maurício de Carvalho¹⁴, Maria de Lourdes Sirgado Ganho¹⁵, Miguel Real¹⁶, Pinharanda Gomes¹⁷, Samuel Dimas¹⁸, etc. -, Ricardo Vélez Rodríguez já apresentou um contributo importante para o desiderato presente. Em forma de balanço acerca de como António Braz Teixeira entende a meditação filosófica, ele ilustra este tema com quatro tópicos: 1) Conceito de filosofia e de filosofias nacionais; 2) Carácter mediador da antropologia

¹¹ *Idem, Ética, Filosofia e Religião. Op. Cit.*, p. 22.

¹² Afonso Rocha, «Aproximação à “Filosofia Portuguesa”: a perspectiva de A. Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 13-34.

¹³ António Paim, «O projecto filosófico de António Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 55-63.

¹⁴ José Maurício de Carvalho, *Art. Cit.*, pp. 107-123.

¹⁵ Maria de Lourdes Sirgado Ganho, «A Saudade em *Deus, o Mal e a Saudade*», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 182-186.

¹⁶ Miguel Real, «António Braz Teixeira – a Razão Atlântica», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 187-214.

¹⁷ Pinharanda Gomes, «António Braz Teixeira no quadro da “Filosofia Portuguesa”», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 222-227.

¹⁸ Samuel Dimas, «António Braz Teixeira e o conceito de razão na filosofia portuguesa do século XX», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira, Ob. Cit.*, pp. 250-297.

filosófica; 3) A experiência religiosa e a corrente da Filosofia Portuguesa; 4) A experiência jurídica e a filosofia do direito¹⁹.

2.4.1. Das filosofias nacionais à filosofia portuguesa

A respeito deste tema, tomemos as próprias palavras de António Braz Teixeira, que ele deixara exaradas, já em 1959, numa das suas primeiras obras:

«Cabe ao pensamento desenvolvido sob o signo existencial o mérito de ter afirmado e demonstrado, contra as tendências excessivamente racionalistas de certo falso universalismo, pretensamente utópico e ucrónico, a ideia da não existência de uma Filosofia universal, desinserida de qualquer complexo espaço-temporal, mas antes da existência de Filosofias nacionais, já que cada povo, enquanto especial conceção do mundo e da vida, é já “Filosofia viva”, expressão do seu particular modo de ser nacional, a que os pensadores, intérpretes da situação histórico-cultural concreta do seu povo e do seu tempo, dão superior forma racional.

O português, a quem sucessivas gerações, ligadas a um conceito excessivamente racionalista, abstrato e formal de Filosofia, tinham negado um pensamento nacional, por congénita incapacidade filosófica, começa a ser reabilitado, agora que a Filosofia procura concentrar novamente sobre o real e a vida todas as suas atenções, valorizando-os em todos os seus aspetos e, abandonando todas as pretensões de explicação sistemática e total, por compreender, como Radbruch, que o “mundo não é divisível pela razão sem deixar resto”, está interessada acima de tudo pelo “homem de carne e osso”, pela vida, pelo concreto, pela existência humana, pelo “estar-no-mundo”, pretendendo atingir, não “a pseudo-lógica das ideias claras, mas a lógica verdadeira, a da estrutura do vivente e da geometria íntima da natureza”, de que fala Maritain.

A esta luz ressalta com notável nitidez o carácter eminentemente “existencial” da nossa Filosofia, dispersa na nossa poesia, na nossa mística, na nossa teologia, na nossa literatura novelística e de viagens e nas obras de intenção propriamente filosófica.»²⁰

Mais recentemente, em 2006, na sua obra *Sentido e Valor do Direito* (em terceira edição com nova atualização), o autor volta a reafirmar a sua posição e a recolocar a sua fundamentação relativamente às filosofias nacionais, no mesmo horizonte da postura de algumas décadas atrás:

¹⁹ Cf. Ricardo Vélez Rodríguez, «Antonio Braz Teixeira no Contexto da Meditação Portuguesa Contemporânea», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Ob. Cit., pp. 231-249.

²⁰ *Idem*, *A Filosofia Jurídica Portuguesa Atual*, Op. Cit., pp. 9-10.

«Atividade humana, a Filosofia é, como o próprio homem, ser do tempo, radicada e dinâmica, interrogação permanente a partir de uma **situação concreta**, de uma “**circunstância**” definida, está indissolivelmente ligada a uma língua, a uma tradição, é um movimento espiritual num **espaço-tempo** que não é homogêneo e uniforme mas múltiplo e diverso, como o ser individual de cada filósofo. Daí que, sendo embora uma na busca da verdade, a Filosofia seja múltipla e diversa na variedade dos seus caminhos [...]»²¹

2.4.2. A trilogia Deus-Homem-Mal

No entanto, o que nos interessa aqui é olhar como, de forma compreensivelmente muito sintética, António Braz Teixeira vê a filosofia portuguesa. Isto é, o que é que ele enfoca como características do nosso filosofar e, como tal, o individualizam. Dos seus escritos parece ressaltar, com evidência, que o que tem sido substancialmente objeto das nossas reflexões anda à volta da trilogia Deus-Homem-Mal. Embora no seu livro Deus, o Mal e a Saudade (1993), logo no título, essa trilogia apareça com um enunciado diferente, como aí é explicitado:

«É, precisamente, no enigma ou no mistério da origem, que, **para o sentir e pensar dos portugueses**, Deus, mal e saudade encontram a sua essencial relação, pois é do que real ou simbolicamente se designa por queda ou, em religiosa linguagem, se denomina pecado original, que o mal e o sentimento saudoso procede.»²²

Como é defendido nas teses do 57 - movimento que António Braz Teixeira integrou -, e que ele assume, a filosofia tem relação com o homem concreto, como o existencialismo e a fenomenologia vieram fundamentar. Assim, apesar de os temas da trilogia enunciada serem tratados a nível universal, cada cultura tem uma forma própria de os abordar e tratar como o nosso autor fundamenta na transcrição - que vem em epígrafe na sua obra A Filosofia Jurídica Portuguesa Atual -, das palavras do pensador espanhol Ángel Ganivet (1865-1898): «La filosofía más importante de cada nación es la suya

²¹ António Braz Teixeira, *Sentido e Valor do Direito. Introdução à Filosofia Jurídica*, 3ª ed., novamente revista e aumentada, INCM, Lisboa, 2006, p. 31. O negrito é nosso. Neste seguimento, certamente querendo dar força à sua argumentação, António Braz Teixeira remata a sua argumentação acerca do carácter situado do filosofar com uma síntese de José Marinho: «a Filosofia é desenvolvimento de uma visão autêntica do ser e da verdade numa situação concreta do homem e do pensar do homem no espaço e no tempo.» - José Marinho, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Lello, Porto, 1976, p. 244.

²² António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993, p. 12. Negritos nossos.

propria, aunque sea muy inferior a las imitaciones de extrañas filosofías.»²³ Ou seja, mesmo o que é dito por todos, não é dito da mesma maneira; há um caráter situado do filosofar²⁴.

António Braz Teixeira diz que no sentir e pensar dos portugueses há uma “essencial relação” entre Deus, mal e saudade.

Os temas de Deus e do homem estão em correlação direta. Ele encontra no pensamento português contemporâneo – e, mesmo, na filosofia luso-brasileira -, um modo “situado” de pensar a ideia de Deus e de considerar as interrogações fundamentais da teodiceia ou da teologia filosófica. Igualmente os problemas sobre a origem, condição e destino e o sentido e valor do agir do homem, estão bem presentes na nossa filosofia contemporânea, série temática que «define e singulariza a filosofia portuguesa dos últimos cento e cinquenta anos [...]»²⁵. Qual a marca distintiva da reflexão lusitana em ambas as temáticas? Esclarece António Braz Teixeira:

«Diversamente do que aconteceu na restante Europa, cuja reflexão, no século XIX, foi largamente dominada por questões gnoseológicas e epistemológicas, decorrentes do cientismo e do naturalismo ascendentes, no Portugal de oitocentos, o pensamento filosófico centrou-se em torno de temas teodiceicos, com decisivo relevo para a ideia de Deus, o problema do mal, as relações entre razão e fé e razão científica e razão filosófica, conjunto de interrogações a que, no nosso pensamento contemporâneo, continuou a ser atribuído lugar fundamental e primordial importância pelos especulativos das mais diversas e opostas tendências ou orientações.» (*Idem, Ibidem*, pp. 79-80)

Aliás, adverte o nosso autor, a problemática teodiceica condiciona o tratamento das questões antropológicas, nomeadamente nos temas mais presentes entre nós, como a origem, a liberdade e o destino do homem, assim como os problemas do mal, da morte e da imortalidade.

Em síntese, Braz Teixeira aponta a particularidade que tem especificado a filosofia portuguesa, uma filosofia “situada”: «**Singularidade do pensamento português** tem sido o descobrir e revelar a profunda relação que une Deus, o mal e a saudade [...]» (*Idem, Ibidem*, p. 12. O negrito é nosso). A este propósito, pergunto-me se a referida

²³ *Apud* António Braz Teixeira, *A Filosofia Jurídica Portuguesa Atual*, Separata do Boletim do Mistério da Justiça, Lisboa, 1959, p. 9.

²⁴ Foi pena que Braz Teixeira não tivesse aproveitado a sua publicação *O essencial sobre a Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX-XX)*, para, também de uma forma igualmente essencial, apresentar os tópicos principais da fundamentação da Filosofia Portuguesa.

²⁵ António Braz Teixeira, *Deus, o Mal e a Saudade*, *Op. Cit.*, p. 80.

trilogia não é própria da reflexão de todo e qualquer ser humano devotado ao pensar filosófico. De outro tom será afirmar-se e defender-se que a reflexão sobre tal trinómio temático é situada. Ou seja, no espírito de António Braz Teixeira, a maneira de dizer do homem português é diferente do dizer do homem de uma outra cultura.

Conclusão

1. As coisas são o que são. Em qualquer domínio, incluindo o do pensamento filosófico português e também brasileiro. Mas é importante apresentar quadros que os tornem mais inteligíveis. Tem sido um dos contributos relevantes de António Braz Teixeira. Tomando os elementos atomísticos do pensamento filosófico luso-brasileiro, tem sabido ir construindo o puzzle, tem-se empenhado na apresentação de mapas, para que se consiga ter a visão holística.

2. António Braz Teixeira, além de criador de pensamento, tem sido um autêntico garimpeiro – de pepitas densas - das ideias filosóficas luso-brasileiras. No pensar filosófico português, ele, tal como a abelha, que sabe onde se encontra o verdadeiro néctar, tem sabido ir apontando os mais lídimos representantes desse pensamento, e respetivas linhas de orientação, que vão ganhando sulco entre nós.

Bibliografia

CARVALHO, José Maurício de, «Braz Teixeira e o esforço de caracterização de uma filosofia luso-brasileira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 107-123.

DIMAS, Samuel, «António Braz Teixeira e o conceito de razão na filosofia portuguesa do século XX», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 250-297.

GANHO, Maria de Lourdes Sirgado, «A Saudade em Deus, o Mal e a Saudade», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 182-186.

GOMES, Pinharanda, «António Braz Teixeira no quadro da “Filosofia Portuguesa”», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 222-227.

- LEONE, Carlos, «Saudades do futuro, ou o significado de “nacional” na imprensa em Portugal, para António Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 70-76.
- MARINHO, José, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Lello, Porto, 1976.
- PAIM, António, «O projecto filosófico de António Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 55-63.
- REAL, Miguel, «António Braz Teixeira – a Razão Atlântica», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 187-214.
- ROCHA, Afonso, «Aproximação à “Filosofia Portuguesa”: a perspectiva de A. Braz Teixeira», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 13-34.
- TEIXEIRA, António Braz, *A Filosofia Jurídica Portuguesa Atual, Separata do Boletim do Mistério da Justiça*, Lisboa, 1959.
- _____, *Deus, o Mal e a Saudade. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro Contemporâneo*, Fundação Lusíada, Lisboa, 1993.
- _____, «A Filosofia Portuguesa contemporânea», em *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, 1994, 77-106.
- _____, *Ética, Filosofia e Religião. Estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Pendor, Évora, 1997.
- _____, *Diálogos e Perfis. Estudos sobre o Pensamento Português e Luso-Brasileiro*, Europress, Lisboa, 2006.
- _____, *Sentido e Valor do Direito. Introdução à Filosofia Jurídica (1989)*, 3ª ed., novamente revista e aumentada, INCM, Lisboa, 2006.
- _____, *O essencial sobre A Filosofia Portuguesa (Sécs. XIX E XX)*, INCM, Lisboa, 2008.
- _____, *A Filosofia da Escola Bracarense*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2010.
- _____, *A “Escola de São Paulo”*, MIL/DG Edições, Lisboa, 2016.
- VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo, «Antonio Braz Teixeira no Contexto da Meditação Portuguesa Contemporânea», em AAVV., *Convergências & Afinidades. Homenagem a António Braz Teixeira*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2008, pp. 231-249.